

RESENHA

*Breno Macedo**

KELLER, TIMOTHY. **Preaching: Communicating Faith in an Age of Skepticism**. New York: Viking/Penguin Random House, 2015.

Um dos grandes problemas que os pregadores enfrentam é a pretensão de pensar que depois que saíram do seminário não precisam mais aprender sobre pregação. Eles tendem a pensar que tudo o que precisam para ocupar o púlpito já foi adquirido nos seus anos de treinamento na academia. Nada poderia estar mais longe da verdade. Apesar de o seminário oferecer ferramentas fundamentais para a construção do sermão, elas são equivalentes às rodinhas de um triciclo. Elas são suficientes para se começar a andar; entretanto, a destreza e o domínio vêm apenas com a prática contínua e o amadurecimento progressivo do que foi aprendido. Eis aí o motivo pelo qual a homilética, a principal função do presbítero docente, precisa ser uma área de atenção constante em sua vida ministerial. Há duas maneiras simples que um pregador pode utilizar para melhorar seus sermões: escutar com frequência outros pregadores melhores do que ele e continuar a estudar literatura que trate sobre o assunto. É exatamente nesse aspecto que o livro *Preaching*, de Timothy Keller, se enquadra. De maneira relevante e clara, Keller vai além do programa básico de pregação dos seminários e leva à atenção do pregador moderno aspectos bíblicos e culturais que o farão melhorar em muito os seus sermões.

Longe de ser um manual de como pregar, o principal foco do livro é oferecer uma teologia e prática de pregação que utilize teologia bíblica e que responda a aspectos filosóficos da modernidade. Aqueles que buscam um material que ensine os aspectos básicos da construção do sermão não serão atendidos por esse livro a não ser pelas breves observações contidas em seu

* Obteve o grau de M.Div. no Greenville Presbyterian Theological Seminary, o de Th.M. no Puritan Reformed Theological Seminary e é aluno de doutorado (Ph.D.) na University of Free State, África do Sul, na área de teologia histórica. É pastor assistente na Igreja Presbiteriana Semear, em Brasília.

apêndice. Nele, de maneira objetiva e sucinta, Keller oferece um excelente resumo daquilo que ele chama de “conjunto de aspectos essenciais irreduzíveis de como pregar um bom sermão expositivo” (p. 213).¹ De acordo com Keller, esses aspectos essenciais, de forma resumida, são: (1) discernir o objetivo do texto fazendo uma investigação das informações nele contidas e buscando a ideia principal sustentada por todas as outras ideias; (2) selecionar o tema principal do sermão que apresenta a ideia central do texto alinhada de forma específica aos ouvintes; (3) desenvolver um esboço relacionado com o tema, que se encaixe com o texto e caminhe para um clímax; (4) enriquecer cada ponto com argumentos, ilustrações, exemplos e aplicações práticas (p. 214). Apesar das explicações claras e úteis fornecidas pelo autor nessa seção, ela de maneira alguma é suficiente para substituir um manual homilético.²

O livro contém 7 capítulos agrupados em 3 seções. A primeira seção contém 3 capítulos e destina-se a esboçar uma teologia da pregação e a utilização de teologia bíblica na confecção de sermões. A segunda seção também tem 3 capítulos e foca no engajamento entre o pregador, a cultura e os ouvintes em particular. A última seção tem apenas um capítulo focando na dependência do Espírito Santo para a execução do exercício homilético. O livro é bem distribuído e, apesar de inicialmente o leitor poder ter a impressão de pouco equilíbrio entre estratégias homiléticas e dependência do Espírito, Keller trata tudo a seu tempo. A principal crítica ao livro diz respeito ao seu formato. A editoradora escolheu colocar as notas de cada capítulo no final do livro ao invés de dispô-las no rodapé das páginas. Além do desconforto de ter que ir para o final do livro o tempo todo, o leitor desavisado corre o sério risco de não dar a devida atenção a conteúdos muito importantes. Destacam-se as notas 2 e 3 do capítulo 3, nas quais Keller oferece um excelente resumo das diferentes abordagens da teologia bíblica e como aplicá-las na interpretação do texto e na exposição. Também são dignas de atenção a nota 28 do capítulo 4, na qual Keller oferece uma minuciosa ilustração de como contextualizar sermões por meio da pregação de Jonathan Edwards durante seu período de missão aos índios, e a nota 20 do capítulo 6 em que o autor arrola detalhadamente os tipos de ouvintes que os pregadores precisam ter em mente na hora de preparar aplicações.

O capítulo 1 destina-se a explicar o que é pregação e qual é a melhor maneira de fazê-la. Keller explica que, apesar dos vários tipos de pregação que alguns acadêmicos identificam, há apenas dois tipos: a expositiva e a tópica

¹ O livro ainda não está disponível na língua portuguesa. Todas as traduções são de autoria do resenhista.

² Exemplos de excelentes manuais homiléticos em português são: CHAPPELL, Bryan. *Pregação cristocêntrica: restaurando o sermão expositivo*. São Paulo: Cultura Cristã, 2002, e ROBINSON, Haddon W. *Pregação bíblica: o desenvolvimento e a entrega de sermões expositivos*. São Paulo: Shedd Publicações, 2002.

(p. 30). Para Keller ambas são úteis e devem ser usadas no contexto da igreja de acordo com a necessidade. O autor toma como base o discurso de Paulo no Areópago e afirma que, no julgamento do apóstolo, “não era apropriado oferecer uma cuidadosa exposição da Bíblia para uma plateia que não apenas desacreditava da Bíblia, mas também era profundamente ignorante quanto a suas pressuposições mais básicas” (p. 30). Keller conclui que “toda pregação expositiva é parcialmente tópica” e que “qualquer sermão tópico que é fiel à Escritura consistirá de diversas ‘pequenas exposições’ de vários textos” (p. 31). Ele, então, oferece a seguinte definição de pregação expositiva:

...fundamenta a mensagem no texto de tal maneira que todos os pontos do sermão são pontos do texto e enfoca as principais ideias do texto. Ela alinha a interpretação do texto com as verdades doutrinárias de toda a Bíblia (sendo assim sensível à teologia sistemática). E ela sempre posiciona a passagem dentro da narrativa bíblica, mostrando como Cristo é o cumprimento final do tema do texto (sendo assim sensível à teologia bíblica) (p. 32).

O restante do capítulo se propõe a persuadir o leitor à prática da pregação expositiva, apresentando seis argumentos: (1) essa é a melhor maneira de apresentar sua convicção de que toda a Bíblia é verdadeira; (2) dessa maneira os ouvintes claramente reconhecem que a autoridade do que se comunica não é do pregador, mas do próprio Deus falando na Bíblia; (3) a pregação expositiva faz com o que o próprio Deus estabeleça a agenda de sua igreja; (4) ela também faz com o que o texto estabeleça a agenda do pregador, evitando a influência de suas preferências; (5) ensina aos ouvintes como eles devem ler e interpretar suas Bíblias; (6) permite a clara visualização do tema único da Escritura. Keller elabora um excelente argumento em favor da pregação expositiva; entretanto, sua visão intercambiável dessa modalidade de sermão com a pregação tópica não parece convencer. Poder-se-ia argumentar que o que Paulo fez no Areópago não foi exatamente um sermão, e sim uma palestra, um discurso, um tipo de aula. Quando se pensa em pregação, a associação do exercício com o culto público e com a comunidade do pacto reunida no Dia do Senhor é inevitável. A pergunta que precisa ser respondida é: a pregação tópica é o exemplo bíblico daquilo que acontecia nesse tipo de contexto?

No capítulo 2, Keller lembra que o evangelho precisa estar sempre presente em qualquer sermão. Segundo ele: “Todas as vezes que você expõe um texto bíblico, não terá terminado a não ser que demonstre como ele nos mostra que não podemos salvar a nós mesmo e que apenas Jesus pode fazê-lo” (p. 48). Em outro lugar, Keller explica que pregar o evangelho é “pregar a Cristo e sua obra e graça salvífica” (p. 66). Dois grandes inimigos ameaçam o pregador no cumprimento dessa obrigação: o legalismo e o antinomismo. Baseando-se em

uma recente obra de autoria do renomado Sinclair Ferguson,³ Keller discorre sobre esses dois perigos afirmando que são “gêmeos não idênticos de um mesmo ventre” (p. 52). Legalismo é

... bem mais do que uma crença consciente de que “eu posso ser salvo por minhas boas obras”. É uma teia de atitudes do coração e da personalidade. É o pensamento de que o amor de Deus por nós é condicionado a algo que podemos ser ou fazer. É a atitude na qual eu ofereço certas coisas – minha bondade ética, minha esquiva do pecado deliberado, minha fidelidade à Bíblia e à igreja – que dão apoio à obra de Cristo e contribuem para que Deus seja benevolente para comigo (p. 49-50).

Por outro lado, antinomismo é

... mais do que apenas a crença formal de que “eu não preciso obedecer a lei de Deus”. É pensar que, uma vez que Deus me ama independentemente da minha folha corrida, ele não se preocupa com o quão moralmente ou imoralmente eu vivo. É o pensamento de que “Deus me aceita do jeito que sou; ele apenas deseja que eu seja eu mesmo” (p. 50).

Apesar de serem extremos opostos, Keller identifica que ambas as posições têm a mesma raiz: “Tanto para o legalista quanto para o antinomista, a obediência à lei é simplesmente a maneira de receber coisas de Deus, não uma maneira de ter Deus, nem uma maneira de parecer-se, conhecer, deleitar-se e amá-lo por ele mesmo” (p. 55). Sendo assim, a maneira mais ineficaz de combater um desses dois erros é tentar eliminar um com o outro. A única saída é pregar o evangelho no qual o amor de Deus é revelado aos pecadores por meio da perfeita obediência de Cristo, e o amor de Deus revelado em Cristo é o que leva pecadores a responderem em obediência.

O capítulo 3 é dedicado a incentivar e demonstrar a necessidade e o valor da teologia bíblica aplicada à pregação. O pregador precisa estar atento a como a passagem que será pregada se encaixa de uma maneira mais ampla no contexto canônico. Keller propõe seis maneiras diferentes de como Cristo pode ser pregado em qualquer texto usando a teologia bíblica. A primeira maneira é pregar Cristo através de cada gênero ou seção da Bíblia. Assim, cada livro é analisado à luz de sua posição no progresso da história redentiva, buscando identificar aquilo que está sendo revelado acerca do Messias esperado. A segunda maneira é pregar Cristo através de cada tema da Escritura. Assuntos como pacto, reino, terra, descanso, julgamento de justiça, presença de Deus, dentre outros, são temas que estão presentes em toda a Bíblia e se desenvolvem em

³ FERGUNSON, Sinclair. *The whole Christ: legalism, antinomianism, and Gospel assurance – Why the Marrow Controversy still matters*. Illinois: Crossway, 2016.

torno da expectativa messiânica. A terceira maneira é pregar Cristo através dos principais personagens bíblicos. Ao se deparar com figuras como Adão, Abraão, Jacó, Moisés, Davi e Jonas, o pregador precisa estar pronto para identificar as conexões entre eles e Cristo. A quarta maneira é pregar Cristo através da tipologia bíblica, figuras e imagens que simbolizam e apontam para Jesus como seu cumprimento. A circuncisão, a cordeiro pascoal, a serpente de bronze e a árvore da vida são exemplos de imagens que encontram seu significado maior cumprido em Cristo. A quinta maneira de ser pregar a Cristo é por meio das várias histórias de libertação encontradas na Bíblia. Aqui o pregador precisa estabelecer conexões entre essas histórias e obra redentora de Cristo. Como um exemplo, Keller apresentava os leitores com uma rica análise sobre o episódio do confronto entre Davi e Goliath. Contrariando a aplicação comumente feita pelos pregadores que relaciona Davi e os ouvintes na tentativa de estimulá-los a vencerem seus gigantes, Keller afirma que “até que eu veja que Jesus combateu os verdadeiros gigantes por mim, jamais terei a coragem de lutar contra os gigantes comuns da vida (sofrimento, decepções, falhas, críticas, dificuldades)”. É primeiramente Cristo quem deve ser apresentado por meio dessa narrativa. Ele e sua perfeita obra redentora. Keller conclui:

Se eu considerar Davi simplesmente como meu exemplo, a história nunca me ajudará a lutar contra falhas/gigantes. Mas se eu ver Davi apontando para Jesus como meu substituto, cuja vitória é imputada a mim, então eu posso ficar de pé perante a falha/gigante (p. 84).

Keller conclui esse capítulo propondo uma última maneira de se pregar Cristo: por instinto. A ideia é que quanto mais o pregador domina a cinco primeiras maneiras de encontrar Cristo na Bíblia ele se torna mais sensível ao conteúdo e instintivamente começa a enxergar Cristo onde antes não o encontrava.

O capítulo 4 oferece ao leitor uma boa introdução acerca da interação entre o pregador e a cultura. Keller explica que vivemos em dias de crescente indiferença à religião. Não se trata de pessoas que necessariamente são hostis à fé, mas aquelas que “não veem a necessidade de explorar possíveis soluções religiosas para qualquer um dos seus problemas” (p. 94). Keller então propõe que ao mesmo tempo em que a pregação continua sendo o meio relevante para comunicar o evangelho mesmo diante desse cenário, o pregador precisa contextualizar sua pregação para a cultura na qual se encontra. Paulo é o exemplo para o qual Keller apela. Ele explica que ao pregar em Atenas o apóstolo utilizou vocabulário e temas apropriados e de interesse daquela cultura específica na busca por persuasão (p. 100). Outro exemplo explorado por Keller é o de Jonathan Edwards, que mudou sua linguagem e ilustrações para se adequar aos índios para quem pregou no seu período de missões (p. 101-103). Para ser

bem-sucedido nesse processo de contextualização, Keller sugere que o pregador precisa utilizar um vocabulário acessível e bem explicado. Ele também deve buscar autoridades que são respeitadas pelos ouvintes seculares e que ao mesmo tempo corroboram com o seu argumento. Também precisa ser profundo conhecedor das objeções das dúvidas modernas contra o cristianismo. De acordo com Keller, também é necessário interagir com as várias “narrativas culturais” existentes no nosso meio. Ele aplica essa nomenclatura ao grupo de ideias que são tidas como “verdades universais” pela cultura moderna: “todo mundo tem direito a ter sua própria opinião” ou “você tem que ser você mesmo” (p. 115). Keller sugere que o pregador precisa interagir com essas verdades e mostrar que o Cristianismo é o que melhor as explica ou o que tem melhores respostas a oferecer para os desafios que surgem a partir delas. O objetivo é mostra na pregação que “o evangelho não é apenas a maneira pela qual somos salvos, mas também é sempre a solução para qualquer problema e a maneira de avançar em todos os estágios da vida cristã” (p. 119).

Interagir com a cultura é importante, mas não é o suficiente. É necessário entender a filosofia corrente da pós-modernidade. O capítulo 5 é uma ótima introdução ao secularismo e aos seus principais representantes e combatentes. Um dos principais benefícios desse capítulo é apresentar ao leitor o filósofo Charles Taylor e o teólogo James K. A. Smith. Por meio da pena desses homens o pensamento secularista da modernidade tem sido desafiado e desmascarado.⁴ Keller explica que a era pós-moderna “é marcada pela perda da crença de que podemos alcançar uma ordem racional e controlável, ou de chegarmos a certezas de qualquer tipo que seja” (p. 122). Sendo essa a disposição filosófica da modernidade, a religião se torna a sua pior inimiga. Como interagir, então, com ouvintes modernos? Keller propõe que o pregador precisa conhecer bem as principais narrativas culturais que expressam o pensamento secular e abordá-las durante o sermão, questionando-as e mostrando o evangelho como a única alternativa possível. São elas: (1) a *narrativa da racionalidade* (crê que o mundo natural é a única realidade e que há causas físicas e explicações racionais para todas as coisas); (2) a *narrativa histórica* (a suposição de que tudo o que é antigo deve ser rejeitado); (3) a *narrativa da sociedade* (o propósito da ordem social é promover a liberdade do indivíduo para viver da maneira como quiser, livre de qualquer empecilho desde que não prejudique a liberdade de outrem de viver como quer); (4) a *narrativa da justiça ou da moralidade* (os seres humanos são agentes morais e responsáveis, entretanto eles determinam suas próprias normas de acordo com suas próprias escolhas); (5) a *narrativa da identidade* (a dignidade humana é baseada no valor que cada indivíduo dá a si mesmo à medida que expressa e satisfaz a sua vontade) (p. 129-133).

⁴ TAYLOR, Charles. *A secular age*. Cambridge: Belknap Press of Harvard University Press, 2007. SMITH, James K. A. *How (not) to be secular: Reading Charles Taylor*. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 2014.

Keller propõe que o pregador moderno precisa abordar essas narrativas em seus sermões, na medida em que o texto bíblico que está sendo pregado o permitir, desconstruindo-as, mostrando suas inconsistências e oferecendo o evangelho como a única resposta.

Até este ponto o leitor pode se sentir um pouco desestimulado, pensando que Keller enfoca apenas os ouvintes não-crentes. Mas será esse o principal grupo com o qual o pregador interage dominicamente? Não deveria o pregador estar pronto para pregar a Bíblia para aqueles que creem? Os dois últimos capítulos do livro suprem essa possível lacuna e levam o leitor de volta à pregação aplicada ao povo de Deus, a igreja. No capítulo 6, Keller trata sobre a aplicação do sermão ao coração do ouvinte. Ele explica que o conceito bíblico de coração é bem diferente daquele oferecido pelos gregos. “Na Bíblia”, afirma Keller, “o coração é a sede da mente, da vontade e das emoções, todas juntas” (p. 158). Portanto, conclui o autor,

... tudo aquilo que atrai a confiança e o amor do coração controla os sentimentos e o comportamento. Aquilo que o coração mais deseja a mente entende como razoável, as emoções entendem como valioso e a vontade aceita como realizável (p. 159).

O grande objetivo do pregador precisa ser atingir o coração. Para tanto, Keller resgata o pensamento de Jonathan Edwards na sua obra clássica *As Afeições Religiosas*.⁵ “Afeições são as inclinações de uma pessoa como um todo quando percebe a beleza e a excelência de um objeto” (p. 160). Como, então, provocar as afeições dos ouvintes? Keller afirma que o pregador pode fazer isso pregando das seguintes maneiras: afeiçoadamente, imaginativamente, assombrosamente, memoravelmente, cristocentricamente e praticamente. O restante do capítulo é dedicado a expandir cada uma dessas formas.

Keller conclui o livro apontando ao pregador a sua dependência no Espírito Santo para que seus sermões sejam eficazes. A preparação pessoal é de crucial importância, “mas para o ato da pregação em particular existe algo ainda mais central para provocar persuasão: a percepção dos seus ouvintes do Espírito Santo trabalhando em você e através de você” (p. 192). Aqui a ênfase de Keller é em quanto, primeiramente, os sermões afetam o pregador. O quanto eles são transformados pelo Espírito ao compor seus próprios sermões. Essa transformação é comunicada de duas maneiras: por meio do que os pregadores fazem (magnificar a Cristo e não somente mostrar seus dons de oratória) e do que eles são (mais do que hábeis, eles são transformados pelo Espírito do Cristo que eles pregam). Aqui Keller lança um alerta muito importante:

⁵ EDWARDS, Jonathan. *Religious affections*. The Works of Jonathan Edwards, vol. 2. New Haven e Londres: Yale University Press, 2009.

os dons de um pregador podem facilmente esconder a ausência da ação do Espírito em suas vidas. “Dons são comumente confundidos com maturidade espiritual, não apenas pelos ouvintes, mas até mesmo pelos oradores”, afirma Keller. Eis o motivo pelo qual tantos ministros bem-sucedidos em seu trabalho são apanhados em falhas morais terríveis (p. 195). O pregador, então, precisa buscar a piedade aos pés do Espírito. Para pregar ao coração é preciso pregar do coração e isso somente é possível quando o pregador experimenta pessoalmente a mensagem da Escritura pelo poder do Espírito. Essa espiritualidade pessoal é expressa para os ouvintes naquilo que Keller chama de *subtexto*. Em contraste com o *texto*, que é aquilo registrado na Bíblia, e o *contexto*, que é a realidade dos ouvintes, o *subtexto* “é a mensagem por baixo da mensagem. É o sentido real e desejado (consciente ou inconscientemente) da mensagem, o qual é mais profundo do que o sentido superficial das palavras” (p. 201). Há vários tipos de subtexto: o de *reforço* (cujo intento é afirmar a identidade e o senso de participação em um dado grupo); o de *desempenho* (cujo intento é entregar uma mensagem com perfeição e afirmar o pregador como alguém que deve ser ouvido); e o de *treinamento* (cujo objetivo é aumentar o conhecimento dos ouvintes para que eles vivam de certa maneira) (p. 204). Entretanto, o subtexto mais completo, e aquele que precisa ser buscado pelo pregador, é o de *adoração*. Seu objetivo é alterar aquilo em que o coração dos ouvintes mais coloca suas afeições. Esse subtexto somente está presente quando o pregador é dotado de verdadeira piedade.

Você “sente Cristo em seu coração” à medida que prega? Você, de certa forma, medita sobre ele e o contempla durante o ato da pregação? Você o adora à medida que fala sobre ele ser digno de ser adorado? Você se humilha ao falar do seu próprio pecado? A resposta será bastante evidente para qualquer ouvinte atencioso. E essas coisas serão realidade em sua pregação somente se você regularmente as cultiva em sua rotina diária de oração e meditação, além da tarefa da preparação do sermão (p. 205).

Todo pregador precisa continuar aprendendo a pregar. A necessidade de desenvolver a arte homilética nunca morre. *Preaching*, de Timothy Keller, é um ótimo lembrete disso. O livro é uma ferramenta indispensável para pregadores antigos aprenderem novos conceitos e para pregadores jovens se familiarizarem com as necessidades contemporâneas. De uma maneira clara, objetiva e interessante o autor consegue comunicar princípios altamente relevantes que, se aplicados, farão a igreja experimentar as Escrituras de forma viva e experimental, e desafiarão a sociedade moderna, cética e secular a encarar o cristianismo como a única maneira de sua vida e existência terem verdadeiro sentido.